

Racismo no Sítio do Picapau Amarelo?

Ottaviano de Fiore

Para Ruth Rocha e Pedro Bandeira, em memória de nossas conversas na redação da Abril Cultural.

José Bento Monteiro Lobato (1882 – 1948), autor maior da nossa literatura infantil, fazendeiro indignado, promotor público demissionário, editor audacioso, petroleiro fracassado, preso político e espírita desconfiado, nasceu durante a escravidão e aos seis anos de idade testemunhou a Abolição.

Recentemente militantes negros o denunciaram como racista. Uma acusação que além de pautar os jornais fez o Conselho Federal de Educação vetar a adoção de *Caçadas de Pedrinho* nas escolas: fugindo da onça, tia Nastácia trepa numa árvore com a agilidade de uma “*macaca de carvão*”. Este veto causou um protesto quase uníssono dos nossos escritores o que levou o Ministro a absolver Lobato. Mas ele não convenceu as associações negras, que continuam reclamando. Dois estados, Mato Grosso e Paraíba, já excluíram o livro de suas escolas e o debate não vai esfriar.

Muitos intelectuais da minha geração – e não só eles – ouviram falar pela primeira vez de Dom Quixote e de Robinson Crusóé, do Barão de Münchhausen e de Péricles, dos deuses gregos e do folclore brasileiro, bem como se interessaram por Gramática, Aritmética, máquinas, Geografia e muito mais, naquela enciclopédia infantil *sui generis* – hoje algo envelhecida, mas ímpar – que, entre 1921 e 1942, Lobato escreveu para nós, os brasileirinhos que ele encantou e educou. Tenho uma amiga que, aos nove anos, decidiu tornar-se bióloga depois de ler *O Laboratório do Visconde*, uma introdução de Lobato à Endocrinologia.

Assim como Hendrick van Loon, o divulgador enciclopédico para adultos que tanto o influenciou (van Loon foi o Lobato de Monteiro Lobato), ele só ensinava aquilo que o interessava. Lobato, por exemplo, não nos introduziu à história do Brasil. Na *História do Mundo para as Crianças*. Pedro II e a Princesa Isabel são apenas dois parágrafos de um texto sobre Lincoln. Lobato fez, entretanto, uma excelente adaptação das memórias de Hans Staden, artilheiro alemão prisioneiro dos tupis então antropófagos, um clássico da nossa primeira colonização.

Apesar dessa seletividade – ou por causa dela – Lobato não só escreveu um dos melhores ciclos de narrativas pedagógicas da literatura mundial¹, como também o mais entranhadamente brasileiro. Um feito, se considerarmos que sua obra não veicula nenhum nacionalismo explícito ou implícito. Em seus livros infantis, as raras menções diretas ao Brasil são desabaços ou suspiros. O que Lobato, de fato, nos ensinou foram os elementos da cultura erudita ocidental – na versão do *establishment* intelectual de sua geração.

Esta não fora sua intenção inicial. As primeiras fábulas fundadoras do universo caipira-mágico-nostálgico do Sítio do Pica Pau Amarelo eram apenas sonhos lírico-cômicos, como as páginas inesquecíveis em que dona Aranha Costureira produz o vestido de gala com que Narizinho comparecerá à festa do Príncipe Escamado. Poesia pura. Todavia, aos poucos, as aventuras do ciclo foram se recheando de citações, personagens históricos, filosofia da existência, saberes técnicos, cultura geral e atualidades – hoje tão inatuais quanto Shirley Temple e Mussolini. (Uma das causas do parcial envelhecimento de Lobato é justamente sua “contemporaneidade”.)

Assim, sem plano definido, do núcleo poético inicial do *Sítio* brotou uma *Paidea*, uma enciclopédia educativa para crianças, desenvolvida ao sabor das leituras do próprio Lobato e dos momentos importantes de sua vida. *O Poço do Visconde* – uma introdução à Geologia e à extração do petróleo – foi tudo o que restou da sua malograda tentativa de tornar-se um empresário do petróleo. Ele quis muito ficar rico para poder escrever em paz, mas passou a vida editando e traduzindo para viver.

Lobato era um questionador nato e os personagens do *Sítio* são tão afiados quanto seu autor. Todos eles – dona Benta, a avó sábia; Emília, a boneca libertária; tia Nastácia, a ingenuidade popular; o Visconde de Sabugosa, a espiga de milho cientista; Quindim, o rinoceronte gramático; Conselheiro, o burro filósofo, assim como Narizinho e Pedrinho, os netos eternos – emitem continuamente, cada qual à sua maneira, comentários, condenações e elogios a respeito de tudo. Só o Marquês de Rabicó, porquinho totalmente destituído de caráter e de interesses, não tem opiniões sobre nada, exceto comida.

A evolução dessa série dedicada ao encantamento e à educação cultural, ética, científica e política da criançada acompanhou os humores da vida de

¹Há muitas boas enciclopédias infantis nas línguas européias. Mas não conheço nenhuma que transmita a cultura geral sob a forma de narrativas fantásticas como fazem *O Minotauro*, *Os Doze Trabalhos de Hércules*, *O Saci*, *Emília no País da Gramática*, *Aritmética da Emília*, *O Poço do Visconde* e *O Laboratório do Visconde*.

seu autor. O primeiro livro, *Narizinho Arrebitado*, borbulha como champanhe. O último, *A Chave do Tamanho*, está embebido de maus pressentimentos. Escrito depois de Lobato ter sido preso pelo general Horta Barbosa e sob o esvoaçar dos corvos da guerra, seu pano de fundo é a incurável estupidez da raça humana. Nós, seus pequenos e fiéis leitores, sentimos esse crescimento da melancolia em nosso guru e isso também nos entristeceu um pouco.

Se Lobato foi um pedagogo, que valores orientaram sua *Paidea*? O racismo de que ele anda sendo acusado é um fato ou apenas um factóide destinado a inventar um inimigo? “*As pessoas que acusam Monteiro Lobato de racismo e de querer ‘extinguir a raça negra’ certamente nunca leram uma página do que ele escreveu. Trata-se de uma atitude ‘politicamente correta de galinheiro...’*” escreveu Ruy Castro². Um bloco carnavalesco foi dedicado ao desagravo do escritor e Ziraldo desenhou um cartum com Lobato dançando abraçado a uma passista negra. Aliás, se Lobato difunde valores racistas, como explicar que ele seja um dos autores mais apreciados pelos negros usuários de bibliotecas? Pesquisa realizada pela Biblioteca Nacional com 80 negros que freqüentam bibliotecas públicas em todo país, mostrou que Lobato continua sendo o autor brasileiro preferido dos entrevistados, seguido por Paulo Coelho e Jorge Amado.³

A primeira pessoa que, quatro décadas atrás, me falou de racismo na literatura infantil de Lobato foi Edy Lima, escritora para a infância, lobateira e branca como eu. Que, aliás, ficou surpresa com minha surpresa. “*Você nunca percebeu?*” – sorriu divertida com minha ingenuidade. Não, por mais incrível que hoje isso possa parecer, eu nunca associara Lobato ao racismo. Ele sempre me parecerá um liberal e um apologista da tolerância como seu mestre Van Loon. Mas, à medida que a autoconsciência negra foi se fortalecendo no Brasil, consolidou-se também a opinião de que dele emanava algum racismo. E talvez isso já fosse uma melancólica – mas silenciosa – convicção pessoal de muitos dos seus admiradores negros.

Na releitura que acabo de fazer da obra infantil de Lobato, ao longo de alguns milhares de páginas encontrei cerca de vinte e poucas expressões depreciativas sobre os negros (cujo significado irei analisar mais adiante). Algumas são do próprio narrador. Mas, em geral, são momentos de fúria de uma personagem, a Emília, com a pobre tia Nastácia. Expressões, aliás, bem mais cabeludas do que “*macaca de carvão*”: “*Perdemos o anjinho só por sua culpa. Burrona! Negra beijuda! Deus, que te marcou, alguma*

² (Ruy Castro. www.bravoonline.com.br 05/2011).

³ “*Veja*” (*Radar*) 18/1/ 2012.

coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo...”⁴ Ora, Emília – a eterna rebelde – é justamente a personagem mais admirada pelas crianças. Parece-me, portanto, não ser nenhum absurdo perguntar se, afinal, Lobato pode ou não contaminar nossos filhos com algum racismo.

Lobato Eugenista e Lobato Humanista

Em 1926, cinco anos depois de ter lançado *A Menina de Nariz Arrebitado*, Lobato escreveu um folhetim de antecipação para adultos, hoje ilegível⁵ – *O Choque das Raças ou o Presidente Negro* –, no qual relata como, dentro de uns trezentos anos, os americanos brancos conseguirão fazer sumir os americanos negros. O livro não trata só disso. Trata de todas as futuras mudanças técnico-sociais. Assim, os americanos conseguirão também livrar-se das feministas, que na época irritavam tanto o branco Lobato quanto o negro Lima Barreto⁶ “*porque deixavam de serem mulheres sem se tornarem homens*” ou outra bobagem como esta. Quanto ao Brasil, ele irá rachar em dois. O sul, reunido ao Uruguai, ao Paraguai e à Argentina, criará uma dinâmica república industrial, enquanto o Norte e o Nordeste continuarão se dedicando “*às sutilezas da Gramática portuguesa*”. Aliás, uma das previsões auspiciosas do livro é que a humanidade conseguirá livrar-se dos gramáticos normativos.

Nossa gramática normativa era uma velha bronca de Lobato, um rebelde do neologismo e do coloquialismo. Em *Emília no País da Gramática*, a boneca comanda um ataque de Quindim, o rinoceronte gramático, à casa de dona Etimologia Filológica, onde a velharia coroca-normativa se reúne para tomar chá e dominar ilicitamente a Língua. (Recomendo dar este livro a seus filhos ou netos, se possível com as ótimas ilustrações de Belmonte e não as inexpressivas que as sucederam).

Todavia, apesar da diversidade de assuntos do *Presidente Negro* (que incluem o toque espírita-cientificista de um telégrafo para comunicar-se

⁴ *Memórias da Emília* 1936 Pg. 103

⁵ Lobato escreveu *Presidente Negro* tal como se escreviam então os folhetins semanais e, hoje, as novelas de TV: a toda velocidade, quase sem rever e em estilo sensacionalista. Mas sua discussão da teoria da causalidade e do tempo é tão divertida quanto a de seu mestre H. G. Wells em *A Máquina do Tempo*, livro-fonte do gênero. Em sua *Viagem à Aurora do Mundo* (1939), Érico Veríssimo filou a estrutura novelística do *Presidente Negro* de Lobato (e também seus *raios Z*). Mas, enquanto o livro de Veríssimo continua legível e agradabilíssimo, o de Lobato tornou-se um fóssil literário.

⁶ Ler o trecho sobre a passeata feminista da professora Daltro (militante carioca real) em *Numa e a Ninfa*. Essa cena proto-macunaimesca (ou proto-glauberiana) está carregada de repulsa pelas reivindicações feministas. Curiosamente, porém, todas as personagens femininas de Barreto, Ninfa inclusive, são dotadas de grande dignidade e caráter, ao contrário de suas personagens masculinas. (Com exceção de Policarpo Quaresma, nacionalista ridículo mas homem de bem).

com os mortos), o conceito de “apurar cientificamente a raça” pervade a narrativa. Assim, dentro de duzentos anos os negros americanos também estariam evitando a miscigenação porque ela degrada *todas* as raças. Ou seja, para Lobato – um eugenista dos anos vinte – aquilo que “debilita” as raças não é ser negro, é ser *mestiço*. À sua maneira, ser negro puro, um “*selvagem esplêndido*” (*sic*), é até bom. Ruim é ser mulatinho...

Quanto a isso, Lobato estava em sintonia com três grandes modas intelectuais de seu tempo: a Eugenia, doutrina do aperfeiçoamento *biológico* da Humanidade enunciada por Sir Francis Galton, um dos fundadores da Estatística; o Racismo Moderno, a doutrina da desigualdade *biológica* das raças, enunciada pelo pseudo conde “de” Gobineau, ex-embaixador da França no Rio de Janeiro; e as convicções *bio-criminalístico-antropológicas* dos professores de Direito e Medicina do seu tempo. (Estaríamos todos bem arranjados se essa turma tivesse razão...).

Além deste romance de antecipação, Lobato também escreveu, entre 1928 e 1944, algumas cartas para amigos íntimos nas quais defendia o segregacionismo americano. Em uma delas podemos ler: “*País de mestiços, onde branco não tem força para organizar uma Klu Klux Klan é país perdido para altos destinos*”⁷. Percebe-se nessas cartas que as massas urbanas do Rio e de Salvador causavam em Lobato uma sensação deprimente, na qual pobreza e mestiçagem se confundiam numa imagem desalentadora, que lembra a de Jack London em o *Povo do Abismo*.

A Ambigüidade de Lobato

A população constrangedoramente pobre a que Lobato se refere em suas cartas enviadas do Rio e de Salvador era a mesma que Lima Barreto descreve em *Isaias Caminha*. (Ambos se correspondiam e eram liberais alérgicos ao nacionalismo militar.) Só que Lobato via essa multidão com olhos diversos do negro Barreto: seguindo os universitários e ideólogos do racismo “científico”, ele acreditava que a *feiúra da pobreza* não é só econômico-cultural, mas também uma consequência da miscigenação.

Existiu assim, de fato, um Lobato para adultos e para íntimos que, durante um período de sua vida, foi explicitamente eugênico-racista. Apesar disto, ao contrário de Gilberto Freyre que com seu estilo manso e bem educado amortece a memória do horror escravagista, Lobato escreveu *Os Negros* e o

⁷ Carta (10-4-1928) enviada a Arthur Neiva (1880-1943), aluno de Oswaldo Cruz, eugenista e um dos fundadores do Instituto Biológico de S. Paulo. In André Nigri, *Monteiro Lobato e o Racismo*. www.Bravo. 05/2011

horripilante *Negrinha*, nos quais há muito mais revolta explícita contra a opressão dos negros do que frases racistas em suas cartas íntimas. A odiosa proprietária da negrinha, um monstro de maldade hipócrita, é uma espécie de dona Benta do Mal.

Todavia, é possível ser racista sem ser escravagista. Raros racistas de hoje são escravagistas. Os últimos foram os nazi, que queriam escravizar os eslavos, e os *afrikanders*, que queriam escravizar os negros. Assim, para a escola de nossos filhos, o que interessa não é se Lobato era contra a escravidão. Mas apenas se, subliminarmente, ele pode ou não predispor seus pequenos leitores à aceitação do nosso racismo, um sentimento que se faz de invisível e está embutido na língua, a matéria prima dos escritores. Bem-vindos à ambiguidade sócio-racial, velha conhecida dos brasileiros. Lá por 1810, Henry Koster, um comerciante inglês que vivia no Recife, perguntou se certo capitão-mor era ou não mulato. E ouviu a seguinte resposta: “– *Era, mas não é mais!*”. Como o inglês, espantado, pedisse uma explicação, retrucaram-lhe: “– *Pois como pode ele ser mulato se é capitão-mor?*”...⁸

É este olho que enxerga mas não vê transparece aqui e ali em Lobato. Essa duplicidade semi-consciente faz com que na sua obra infantil – contrariando *O Presidente Negro* e as cartas íntimas – ele rejeite explicitamente o racismo. Assim, em 1936, Emilia escreve em suas *Memórias*: “*Só não compreendo como Deus fez uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão. É verdade que as jaboticabas, as amoras, os maracujás também são pretos. Isso me leva a crer que cor é uma coisa que só desmerece as pessoas aqui neste mundo. Lá em cima não há essas diferenças de cor. Se houvesse, como havia de ser preta a jaboticaba, que para mim é a rainha das frutas?*” Nada de racismo ou eugenia – o perfume e a retórica são puro humanismo cristão.

Essa ambigüidade aparece também em algumas contradições da própria narrativa. Quando Emília se refere ao *beicho* de tia Nastácia, Narizinho prontamente a corrige: “*Lábio, beicho é de boi*”. Entretanto, logo após esta repreensão ao racismo lingüístico, a própria voz do *narrador* se refere ao “*beicho*” de tia Nastácia. Antes, ele corrige o substantivo depreciativo e, depois, sem dar-se conta disso, o utiliza. Ou seja, a linguagem de Lobato exprime simultânea e contraditoriamente duas visões de mundo. Numa delas, os negros tem beijos; na outra, lábios. Bem, a Abolição acontecera quando ele já falava a língua de uma sociedade escravocrata. Os próprios abolicionistas, muitos deles bem morenos, também falavam esse Português que agora nos parece de uma prepotência quase obscena. Mas não

⁸ de Fiore, Ottaviano. *Presença Britânica no Brasil* pg. 59. Ed. Pau Brasil, 1987.

poderiam ter feito outra coisa porque esta não era uma ambigüidade dos falantes do Português, mas do próprio Português. Tanto assim que “beijo” deixa de ser depreciativo quando personagens brancas *lambem os beijos* ao comer os bolinhos de tia Nastácia.

Não podemos condenar Lobato por falar o Português de seu tempo. Entretanto, como vimos, o racismo de suas cartas íntimas não derivava da língua portuguesa e sim da ideologia eugenista – a qual *nunca* é citada em suas obras infantis. Essa ausência é significativa, já que vários autores infantis daqueles anos, sentindo-se apoiados pela autoridade da “Ciência”, divulgavam a eugenia entre as crianças com a maior tranqüilidade. Ouvi falar pela primeira vez de eugenia e de Francis Galton em *Os Grandes Benfeitores da Humanidade*, um livro infantil do então famoso Francisco Acquarone.

O interessante, portanto, não é que Lobato acreditasse nessas baboseiras pseudocientíficas, já que boa parte dos nossos intelectuais e escritores também acreditava nelas e a Constituição de 1934 até legalizou alguns princípios da eugenia. De fato, só Gilberto Freyre, Roquette-Pinto e poucos outros – entre os quais, pasmem, os proto-fascistas do grupo “Anta” de Plínio Salgado – se opunham a este abuso do conceito de raça para oprimir outros brasileiros. Assim, o que precisamos explicar não é porque Lobato era “arianista”, mas porque ele não veiculava isso em sua obra infantil.

Qual foi o Lobato “verdadeiro”? Aquele que se indignava com a opressão dos negros ou aquele que confessava a mesma repulsa do desprezível esnobe “de” Gobineau pela multidão mestiça e pobre do Rio e de Salvador? Mas e se, em vez de um Lobato, houver uns dois ou três Lobatos incompatíveis entre si, como há, por exemplo, dois Jack Londons e, com certeza, mais de um de você mesmo?

Mais adiante, voltarei ao problema universal da ambigüidade ideológica que de Beauvoir tentou destrinchar em *Pour une Morale de l’Ambigüite*. Antes, porém, quero elucidar se a literatura infantil de Lobato sofre de racismo explicativo ou “apenas” de racismo verbal. “Apenas” porque a esse respeito os não-negros não podem sentir o mesmo que os negros.

Racismo Explicativo e Racismo Verbal em Literatura

As tramas dos romances de Jack London sobre o Alasca e os Mares do Sul (que Lobato e meus pais admiravam) são intrinsecamente racistas. A inferioridade, a covardia e a má índole dos mestiços americanos permeiam *Caninos Brancos* e *A Filha das Neves*. Os melanésios de *Jerry na Ilha*

saem-se ainda pior. Esse fato muito incomoda a esquerda americana porque o combativo, talentoso e generoso London é, com razão, um de seus heróis. Trata-se, afinal, de um trabalhador braçal autodidata que se tornou um escritor tremendamente popular e candidato à presidência dos EUA por um hoje finado Partido Socialista Americano. Seus personagens – marinheiros, boxeadores, garimpeiros, imigrantes e rebeldes – são os mesmos de Gorki e Jorge Amado, o povo.

Pois bem, paradoxalmente, London o socialista revolucionário de *O Tacão de Ferro* (livro prefaciado com admiração por Trotsky) foi também um propagandista literário do racismo darwinizante – o que o tornou um dos escritores juvenis preferidos pelas editoras nacional-socialistas alemãs. Pude constatar o constrangimento que isso causa aos liberais americanos quando uma socióloga de Stanford, que me levava papeando do aeroporto à Universidade, quis negar o fato de que seu herói fora “realmente” racista.

London revela-se um racista explicativo porque em suas narrativas os defeitos e virtudes das raças *explicam* a trama. É o mesmo racismo de Menotti Del Picchia que, em *João Peralta e Pé de Moleque no Reino das Formigas*, livro que li para meus filhos com grande sucesso (sem que eles virassem racistas), cria um halo de pavor em torno do “negro velho” do “fim da rua”, um feiticeiro servido por um gato preto. São os filtros desse mago do mal que fazem o sinhozinho branco João Peralta e seu leal Sancho Pança negro, Pé de Moleque (um *negro bom* ainda criança), encolherem para o tamanho de formigas. Ou seja, sem a negritude perigosa do pai de santo não haveria narrativa.

O que Menotti transmitia às crianças era seu receio iluminista da “macumba”, a cultura negra mergulhada nas trevas do folclore. O receio da Sala de Jantar com as tramas da Cozinha, essa surda guerra de classes que envolve as gradações raciais e as religiões dos oprimidos. O temor de Menotti é o mesmo de Conrad em *O Coração da Treva* – o temor das trevas morais da África profunda, a cozinha do Ocidente.

Pois bem, não há o mais vago traço desse racismo estrutural nos livros infantis de Lobato e nenhuma tensão entre a Sala e a Cozinha. Ao contrário, tia Nastácia (personagem da Cozinha) é pura bondade inculta. Foram as afetuosas babás da infância de Lobato, escravas ou alforriadas, que moldaram a figura de tia Nastácia – a personagem negra mais importante da nossa literatura infantil. De fato, em *Geografia de dona Benta*, lemos que Nastácia quando criança fora *escrava* de dona Benta, a quem ela sempre chama de Sinhá. Na tradição de Sancho Pança (com quem ela, sintomaticamente, se entenderá muito bem no *Sítio do Picapau Amarelo*),

Nastácia é uma personagem cômico-bondosa, conhecedora das tradições *folk*, devota dos santos católicos, abissalmente ignorante e amada por todos. Ou seja, ao contrário do assustador “Negro Velho” de Menotti, Nastácia não é minimamente chegada a “macumbas”, “santerias” ou “vudus”: não há o menor perigo em sua negritude.

Por isso, quando Emília – o Id de Lobato – emite destemperos maldosamente racistas contra Nastácia, eles são prontamente reprimidos por dona Benta – o Superego do autor, encarnação da bondade culta. Mais: Emília emite suas frases racistas quando está irritada ou contrariada por tia Nastácia. E essa sutileza constitui um *insight* inconsciente do próprio Lobato: o racismo emerge das frustrações do racista.

Histórias de Tia Nastácia versus O Saci

No ciclo do *Sítio*, o livro em que esse debate entre as duas personagens fica mais evidente é justamente *Histórias de Tia Nastácia*, a maravilhosa adaptação que Lobato fez da coletânea *Contos Populares do Brasil* de Sílvio Romero (1883). Romero publicara sua coletânea cinco anos antes da Abolição, com um prefácio erudito e revelador no qual classificava os portugueses como *raça superior (sic)*, os ameríndios como uma *raça nobre e gentil*, em extinção, e os africanos como *poeticamente limitados*: eles “*não são tão fantasiosos como os portugueses, que se prendem ao vasto ciclo de mitos arianos, os mais belos da Humanidade; mas tem uma certa ingenuidade digna de ser apreciada*”⁹. Os mitos dos arianos são belos e os dos negros, rudimentares. Essa opinião, que hoje nos parece cômica – o original do *Ragnarok (Crepúsculo dos Deuses)*, que tanto encantava Wagner, é grosseiramente simplório – era levada a sério entre as classes educadas no final do século XIX.

Em cada capítulo do livro, tia Nastácia narra uma das histórias reunidas por Romero e a turma do sítio a discute. Dona Benta faz comentários cultos sobre a sabedoria inculta do povo enquanto Emília critica as crendices e incoerências populares que fluem da boca de Nastácia. Note-se que as críticas da Emília são sempre feitas à Nastácia transmissora da tradição popular oral, *não* à Nastácia negra.

Só quando Nastácia protesta escandalizada contra alguma interpretação desmistificadora da Emília sobre moral, hipocrisia, falta de lógica e tradição, é que a boneca desaforada “vira racista” para *insultar* Nastácia. Trata-se mais de arrogância senhoril do que de racismo. Terrorismo para calar o interlocutor no grito. E, como vimos, quando a boneca falante

⁹ Romero, Sílvio. Prefácio de *Contos Populares do Brasil*. Landy Editora. 2000.

medita sobre si mesma nas *Memórias da Emília*, ela percebe que suas ofensas à Nastácia são mesmo prepotências de sinhazinha.

O que os críticos mais desatentos de Lobato não percebem é que, na maioria dos casos, a irritação da Emília com tia Nastácia não é contra o negro, mas contra a ignorância popular. É a impaciência dos iluministas, doutores, professores e modernizadores com o primitivismo imóvel da cultura rural. Trata-se do medo instintivo de Lobato pelo mundo sombrio da Cuca, ser tenebroso das fábulas populares que, em *O Saci*, é causa universal do *feio* e do *ruim*.

O Saci, primeiro livro infantil de Lobato dedicado à cultura popular brasileira, é um texto radicalmente diverso das *Histórias de Tia Nastácia*. Esta coletânea folclórica, comentada jocosamente pelos personagens do *Sítio*, apresenta uma multiplicidade de opiniões, discutidas durante debates entre as personagens que, às vezes, são tão inconclusivos quanto alguns diálogos de Platão. Já em *O Saci*, Pedrinho está sozinho, sem a companhia das outras personagens do *Sítio*. Ele é um discípulo do Saci, seu mestre iniciático. A voz do Saci é a única que importa no livro. Pedrinho só pergunta “bobagens de cidade” para serem ironicamente refutadas.

Qual um Dante perdido na noite da floresta primitiva, Pedrinho tem um *sonho xamânico* induzido pelo Saci que o faz comer umas frutinhas vermelhas. Essas frutinhas “abrem as portas da percepção” – a percepção dos *significados ocultos* das coisas. No imaginário de *O Saci*, a Floresta, mãe das fábulas noturnas narradas ao pé do fogo enquanto as vozes incompreensíveis dos animais cruzam a escuridão, é o inverso da Cidade, mãe da razão e da luz elétrica. O que o Saci mostra a Pedrinho é o Mundo Mágico, o mundo *djina* de Roso de Luna, Lovecraft e Mircea Eliade, o mundo *verdadeiro* dos xamãs. Esse mundo subterrâneo profundo opõe-se ao ilusório e superficial mundo urbano.

A visão do Universo que o Saci expõe a Pedrinho é ostensivamente pré-cristã. Ele explica a seu discípulo que Bem e Mal são artificialidades humanas. Os dois polos verdadeiros do mundo da Floresta são a Iara, mãe implacável de tudo o que é *belo*, e a Cuca, mãe implacável de tudo o que é *feio*. Note-se: não do Bom e do Mau – ambas as deusas são amorais – mas do Belo e do Repulsivo. Esta visão, mais próxima à dos religiosos pagãos que a dos cristãos, é a mesma visão do mundo mágico que, trinta anos depois, um pai de santo carioca irá expor a Umberto Eco (ler *De que lado estão os Orixás?*).

Em outras palavras, nos dois livros infantis de Lobato em que a cultura afro-indígena-brasileira comparece como cultura popular, ele a examina de duas formas bem distintas. Nas *Histórias de Tia Nastácia*, ele a examina e a discute de fora – como se fosse um antropólogo. Já em *O Saci*, ele procura imaginá-la por dentro, como se fosse um xamã. Neste livro os monstros e seres fabulosos das lendas brasileiras, o caapora, o curupira e o negrinho do pastoreio não são analisados, são apenas descritos, como em qualquer livro de São Cipriano.

Às vezes Pedrinho se espanta: como é que a mula-sem-cabeça solta fogo pelas ventas se ela não tem cabeça? Mistério, retruca o Saci, e ponto. A visão mágica não pode ser discutida sem desfazer-se. Se Emília, a inquiridora desaforada, não aparece em *O Saci* é porque nessa narrativa suas perguntas inconvenientes teriam destruído o sonho – e o livro é o relato de um sonho. Lobato quis mostrar nosso folclore dos dois pontos de vista, alternativos e *incompatíveis*, pelos quais a cultura folclórica nos é sempre apresentada: a do racionalista e a do mago. Mas qual é o ponto de vista do próprio Lobato?

Bem, em *O Saci*, é evidente que o Lobato iluminista receia o reino invisível da Cuca e da Iara tanto quanto Joseph Conrad desconfia do efeito das florestas do Congo sobre os cavalheiros brancos que por lá se embrenhavam. Lobato, como Goya, pressente que “*o sono da razão desperta monstros*” e que os feiticeiros vivem na terra dos sonhos. Como qualquer iluminista, Lobato teme o terreno perigoso dos sonhos xamânicos porque, justamente, ele não pode ser discutido pela razão.

Histórias de Tia Nastácia expressa o encantamento do literato erudito com as fábulas populares, temperado pela impaciência do iluminista com o atraso do povo enquanto que *O Saci* corporifica o temor do racionalista frente ao inconsciente coletivo sonambúlico do povo.

A atitude de Lobato para com a superstição rural é mesma dos intelectuais anti-obscurantistas. Quem gosta de obscuridades são os intelectuais reacionários. Os que pertencem à estirpe intelectual da turma de dona Benta preferem as Luzes e o Dicionário Filosófico de Voltaire, mesmo sabendo que as luzes também têm lá seus problemas. Como Emília, eles não engolem obscurantismos consagrados: eles os analisam, dissecam, acusam e ridicularizam.

Era por isso que, quando crianças, gostávamos tanto da Emília. E foi por isso que um padre de Taubaté queimou em público os livros de Lobato: Emília é uma avacalhadora de idéias populares prestigiosas, um exemplo

para os contestadores mirins que éramos. E é por isso também que a irritação da Emília com as crendices nos faz alguma falta em *O Saci*. Isso, entretanto, não é racismo. As irritações da Emília com as superstições de Nastácia não revelam o preconceito de Lobato contra o negro. Revelam, isso sim, seu preconceito contra o Jeca. *Jeca Tatu*, personagem para adultos politizados, é uma catilinária do Lobato fazendeiro de terras cansadas contra o caipira, esse “cupim” que destrói matas e inutiliza terras férteis. Mas o caipira não é o negro – é a ignorância rural.

Esse fato não deixa de ser curioso visto que o ciclo de textos do Sítio do Picapau Amarelo é justamente uma pastoral caipira, um elogio nostálgico do mundo rural, cuja memória infantil Lobato amava e cuja vivência adulta o deprimia. Bem, duas almas habitam meu peito, gemiam os românticos, e Lobato não inventou a ambigüidade, que Freud rebatizou de ambivalência.

Seja como for, os livros infantis de Lobato *não são* estruturalmente racistas. As poucas frases racistas da Emília são “apenas” *gags* convencionais daqueles anos. Eu, menino branco, nem as registrava e, ainda mais significativamente, Ziraldo, um menino “negro” tão lobateiro quanto eu, também não. Escrevo “negro” entre aspas porque quando Ziraldo nos contou que ser negro não fora bom para sua cabeça de criança, fiquei surpreso. Eu sempre achara que ele era um branco elegantemente exposto ao sol de Ipanema. Raça no Brasil não é a mesma coisa que raça nos EUA...

Em resumo, nos textos de Lobato escritor infantil, as poucas referências depreciativas à negra Nastácia ou emergem na voz do narrador como lugares comuns lingüísticos, herdados da escravidão, ou são destemperos de uma personagem em particular, a Emília. Isto nos coloca outra pergunta interessante: que tipo de racista é a Emília?

Emília ou As Duas Faces da Rebeldia

O racismo da Emília – como tudo nela – é interesseiro. Voluntariosa e mandona, ela o utiliza descaradamente como instrumento terrorista para obter vantagens em seus conflitos com a pobre Nastácia. Isto é, seu racismo não exprime uma crença, exprime suas raivas. Um racismo bem sem-vergonha, visto com antipatia pelas outras personagens do Sítio. Contudo, Emília é popular entre as crianças justamente porque ela diz o que quer e pouco se importa com o que pensam os outros. Ou seja, ela é “*libertária*” – palavrinha que evoca um simpático romantismo anarquista, mas é bem enganosa. Nos EUA, os auto-intitulados “libertários” são os extremistas de direita, que explodem edifícios do governo federal.

Por um lado, a palavra “libertária” exprime simpatia pelo Eu que não abaixa a cabeça, um sentimento que só pode tocar as crianças porque elas passam seus dias abaixando a cabeça para os mais velhos. Aquela incitação à independência que alarmava o padre de Taubaté, defensor da domesticação das crianças na linha “Deus, Pátria e Família”. Por outro lado, apesar de libertária, Emília não é nada solidária, mas uma adepta perspicaz, eficiente e chantagista do “Viva eu e dane-se o mundo”.

Lobato descreve a Emília como uma alminha dura e insensível, que só nos faz rir porque é uma caricatura. Sem esse riso, a desfaçatez de seu egoísmo seria apenas repelente (como é o *Ubu* de Jarry). Ela escraviza o Visconde, explora os besouros gêmeos e engana os amigos. O que a torna atraente para as crianças é a sua indomabilidade. Mas Hitler também era indomável, não é mesmo?

A ambigüidade da Emília é a de Lobato e, se formos sinceros, de todos nós. Assim, a Emília madura das *Memórias da Emília*, tão crítica de tudo e de todos, é também crítica de si mesma. Ela se condói com os oprimidos e sente remorsos pelo que faz com o Visconde e tia Nastácia. Mas sempre conclui que o mundo é assim mesmo. Trata-se daquele princípio da realidade que Freud nos aconselha a aceitar e do qual a Antropologia nos aconselha desconfiar – já que a percepção da realidade social é sempre um constructo mais ou menos interesseiro.

Provavelmente, Lobato morreu dividido, oscilando entre o que lhe dizia a razão (que o enganava assim como o iluminava) e o que lhe sugeria seu coração de boa pessoa. Assim faz a própria Emília, já madura, em suas *Memórias* e no último livro do ciclo, *A Chave do Tamanho*.

E, já que estamos falando de racismo, note-se que Emília é constantemente descrita por Lobato como uma “*ciganinha*”. Isso ainda não é considerado racismo porque os ciganos não estão politicamente organizados e seu nome ainda pode ser usado livremente como sinônimo de trapaceiro. Nos dias de hoje, ninguém ousaria fazer isso com judeus e “turcos”. Mas se um dia surgir o “*Tzigan Power*” Lobato com certeza arranjará novos censores. (Há dois ou três meses um promotor procurou recolher o Dicionário Houaiss das livrarias porque entre os sentidos possíveis de “cigano” consta aquele que é ofensivo).

Quanto aos “turcos”, ninguém que eu saiba ainda apontou o óbvio preconceito anti-árabe da caracterização que Lobato faz de Elias, o “turco ladrão” que abastece o Sítio, sempre “arrenegado” por tia Nastácia. Seu

armazém é um Centro do Mal, frequentado por pinguços e vadios. Em *O Sítio do Picapau Amarelo*, ele se tornará o quartel general do ataque dos monstros das fábulas contra o sítio de dona Benta, o Centro do Bem. Para Menotti del Picchia, o núcleo do Mal é a casa do macumbeiro negro. Para Lobato, o botequim do turco.

Curiosamente, tanto os judeus quanto os italianos – alvos importantes do humorismo maledicente daquela época – escapam incólumes. Lobato respeitava as culturas européias, entre as quais, como bom liberal, preferia a anglo-saxônica. Ainda assim, na minha edição da *Gramática da Emília* (1938), o ilustrador Belmonte desenhou um rabino tão malévolos que poderia tê-lo vendido à imprensa nazista. Mas nem ele (um negro!...) nem Lobato, que aprovou as ilustrações, perceberam isso.

Seja como for, na obra infantil de Lobato *nem de longe* esses detalhes, pinçados aqui e ali, possuem a mesma importância que sua intensa, constante e onipresente propaganda da tolerância. O Sítio é, entre outras coisas, uma utopia das boas intenções e, através da autoridade benévola de dona Benta e das intervenções de Narizinho, o autor sempre ridiculariza os destemperos racistas da Emília. A literatura infantil de Lobato – mesmo quando usa a cruel *linguagem humorística* de seu tempo – não é estruturalmente racista: nenhum acontecimento da trama é explicado pela natureza de alguma raça.

Isso com uma única e grande exceção, que eu saiba nunca antes apontada: a voz de Lobato, narrador do ciclo, enaltece, sim, uma raça superior, que não é a dos brancos do Brasil ou do Ocidente. Essa “raça” – a dos antigos helenos – é descrita por ele, com reverência absoluta e deslumbramento explícito, em *O Minotauro*, livro que na *Paidea* educativa de Lobato é tão importante quanto *Histórias de Tia Nastácia*. Ou, talvez, ainda mais importante, já que existem muitas coletâneas de contos populares para a infância escritas em Português, mas não há nenhuma introdução infantil aos helenos que se compare a esta.

A “Raça Esplêndida” de Lobato

No final de *O Sítio do Picapau Amarelo*, tia Nastácia foi raptada pelo Minotauro, e, no livro seguinte, *O Minotauro* (1939), a turma do sítio lança-se ao seu resgate. Como o refúgio desse monstro mitológico encontra-se na Grécia das fábulas heróicas, é para lá que o grupo se dirige tomando uma pitada do célebre pó de pirlimpimpim. Todavia, antes de alcançar os tempos míticos dos helenos, nossos heróis passam por uma

etapa intermediária, no quinto século a.C., para conhecer a Atenas de Péricles: Lobato reverencia este momento fundador do Ocidente e deseja apresentá-lo às crianças em toda sua glória. A Atenas de Lobato é a Terra da Luz dos intelectuais iluministas.

Apesar de um libertário da escrita, Lobato era também filho fiel das Academias de Belas Artes. Ele tinha, pois, a Grécia – ou melhor, a Hélade idealizada por Winkelmann, Anatole France, Raul de Leoni e pelos afrescos dos teatros municipais – como o ideal de beleza, virtude e gênio. É através deste racismo positivo que Lobato nos apresenta a *raça esplêndida (sic)* dos helenos e sua mitologia.

Para os acadêmicos, o clímax do milagre helênico fora aquele breve e fulgurante momento da história ocidental durante o qual Péricles reconstruiu Atenas, edificou o Parthenon e, com os jovens Sócrates, Fídias, Xenofonte, Sófocles e Heródoto, freqüentou a residência da bela e inteligente Aspásia – uma bem sucedida e cultivada jovem liberada, por quem Péricles arrastava uma asa. Uma *hetaira* que, seguindo a convenção helenista-acadêmica, Lobato coloca à mesma altura moral de Péricles. O que deve ter deixado o padre de Taubaté ainda mais indignado: Lobato estava fazendo uma descarada apologia do “amor livre” para as crianças. Isto nos anos sufocantes em que o Estado Novo – “o estado a que chegamos”, segundo o Barão de Itararé – empestava as escolas com seu moralismo conservador e “mulher desquitada” era um termo depreciativo com conotações eróticas.

O deslumbramento de Lobato com as raízes míticas deste Ocidente dos intelectuais acadêmicos pôde parecer ridículo aos revolucionários modernistas, boa parte dos quais era fascista, stalinista, nacionalista ou cabotina, coisas que Lobato abominava. Mas é bom lembrar que intelectuais nada acadêmicos como Júlio Cesar, Goethe, Borges e Bertrand Russell sentiam o mesmo respeito de Lobato por nossos grandes antepassados helênicos. Um sentimento que Whitehead exprimiu ao afirmar que a história da filosofia ocidental não passa de uma série de notas de rodapé aos *Diálogos* de Platão.

Numa de suas conversas com Péricles, dona Benta apresenta ao estadista grego uma página de revista com reproduções de esculturas e pinturas cubistas e futuristas. No diálogo que se segue, percebemos porque Lobato escreveu seu famoso (e bobo) artigo *Paranoia ou Mistificação* a respeito da pintura expressionista de Anita Malfatti:

“Péricles olhou para aquilo com espanto e mostrou-o a Fídias.

– *Mas é simplesmente grotesco, minha senhora! – disse depois. – Estas esculturas lembram-me as obras rudimentares dos bárbaros da Ásia e das regiões núbias abaixo do Egito...*

– *Pois não são. São as maravilhas que embasbacam os povos mais cultos do meu tempo, a 2.377 anos daqui...*

Os dois gregos ficaram literalmente tontos. As revelações da estranha velhota vinham opor-se a todas as suas idéias sobre a marcha indefinida do progresso humano. Totalitarismo, cubismo, futurismo... Pobre humanidade!”

Quanto à suposta marcha ininterrupta do “progresso humano”, é óbvio que Péricles estava sendo retratado por Lobato como um iluminista do século XVIII e não um heleno do V século a.C. E quanto à idéia de que a Arte trata do Belo (e não da Sensibilidade, como pensavam os modernistas), Lobato é mesmo bem *middle-brow*: quisessem ou não os acadêmicos, *Guernica* continuou sendo uma das obras-primas do século passado. Mas Lobato não é um simplório que acha que a arte deve “reproduzir a realidade”. Ao contrário, dona Benta explica a Pedrinho que os escultores da Hélade também estilizavam e idealizavam, ressaltando o profundo senso do trágico em Ésquilo, Eurípedes e Sófocles. A estes três, aliás, como bom acadêmico, ele atribui a invenção do Teatro. (Os acadêmicos nunca se perguntaram se teatro japonês também descendia do grego.)

Entretanto, sua admiração pelo “Milagre Grego” não lhe faz perdoar o escravagismo: dona Benta explica a um Péricles muito admirado que a naturalidade com que a civilização helênica aceita a servidão não tem nada de “natural”. Ainda assim, seguindo a sabedoria conformista de “*cada roca com seu fuso, cada povo com seu uso*”, a velha dama rural paulista – que afinal herdara Nastácia juntamente com a mobília do Sítio do Picapau Amarelo – aceita ser transportada por escravos numa liteira enquanto Narizinho, a juventude e o futuro, passa a viagem bufando indignada.

O que importa para os pais e professores é que esta visão acadêmica da Civilização Antiga e sua incompreensão da arte moderna não diminuem o valor educativo e poético da obra. Em nossas livrarias, nenhum livro dedicado à Hélade consegue, como este, despertar o interesse das crianças pela cultura grega. E quanto ao *racismo positivo* enunciado no livro, sua idealização da “*raça esplêndida*” dos helenos não fará mal algum à meninada. Basta explicar-lhes que os helenos não foram uma raça. Bem ao contrário, eles pertenciam àquela mistura de raças que o raivoso moreninho “ariano”, Goebbels, chamava de “*lamaceira mediterrânea*”. Mas eles foram, mesmo, esplêndidos.

Lobato deve ser vetado nas escolas?

Quanto tempo durou a bobeira eugênico-racial de Lobato? Em 1947, um ano antes de morrer, já ciente do que fora a limpeza eugênica dos nazi, Lobato escrevia: “... *seremos gente, Pedro Granja? Os horrores de Dachau e Buchenwald me deixam incerto*”.¹⁰ Aquele inacreditável massacre técnico-jurídico-policial de judeus, ciganos, eslavos, homossexuais e oligofrênicos calara nele qualquer ímpeto humorístico que, em *O Presidente Negro*, o fizera imaginar jocosamente uma loção capilar “eugênica”, sub-repticiamente assassina, como “solução final americana” para os negros.

Lobato caíra na real e seu sentimento tornara-se o de *derrota da humanidade*. A contradição interior, que ele nunca enfrentara, agora o agarrava pela goela e Emília mergulha no pessimismo mal-disfarçado de seu último livro, *A Chave do Tamanho*: a espécie humana não presta e precisa ser curada seguindo a receita do bom governo de Dona Benta no Sítio.

Se Lobato, como London, ensinasse racismo às crianças, eu vetaria seus livros na escola, por melhores que fossem. *Caninos Brancos* e outros livros de London não devem ser proibidos porque nenhum livro deve ser proibido. Mas eles não podem ser *recomendados* às escolas porque ensinam que existem raças superiores e inferiores. Se há pais que acreditam nisso e desejam ensiná-lo aos filhos, que o façam em casa. Em uma democracia, a escola não pode recomendá-los. Seria como ensiná-los a dividir os cidadãos em “mais iguais e menos iguais”.

Mas Lobato não ensina racismo às crianças – apesar de, ao longo de milhares de páginas, cometer cerca de uns vinte e tantos deslizes racistas. Deslizes que, de fato, como pensam alguns militantes negros, podem escapar aos olhos ingênuos de uma criança branca, como eu era, mas podem ferir dolorosamente a sensibilidade de uma criança negra. Desconfio que Lobato, se ressuscitado, concordaria comigo.

Discutir esses deslizes quando eles aparecem é uma tarefa dos pais e educadores: eles podem ser usados para exemplificar a evolução do racismo no Brasil. Mas vale a pena impedir o acesso de nossas crianças à magia da escrita de Lobato por causa destes deslizes que, insisto, são raros dentro de uma obra enorme fundamentalmente progressista?

¹⁰ In Nigri, André, Op. Cit. *Monteiro Lobato e o Racismo*. Bravo, 5-2011.

De fato, em toda a obra infantil de Lobato encontrei apenas *um* trecho em que o racismo é explicitado com a cruel naturalidade dos anos vinte. Em *Narizinho Arrebitado*, na inauguração do *Circo do Escavalinho*, dona Benta e tia Nastácia recebem lugares de honra, mas Nastácia não quer aparecer:

“– Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta.
– Que não seja boba e venha, disse Narizinho. Eu dou uma explicação ao respeitável público.”

Eis a explicação dada por Narizinho:

“– Respeitável público [...] Também apresento a princesa Anastácia. Não reparem por ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loura.”¹¹

Note-se que o terrível deste trecho não é que ser loiro é ser bonito. (As loiras de farmácia são um sucesso socialmente inofensivo.) Nem que ser negro era uma triste sina – ainda faltavam quarenta anos para o *black is beautiful*. Terrível é a *interiorização da opressão pelo oprimido*: parecia natural ao narrador e aos seus leitores que uma pessoa de quem todos gostavam, mesmo sendo uma “negra de alma branca” como Nastácia, sentisse vergonha de ser negra.

Sem percebê-lo, Narizinho estava sintetizando um debate de meio século sobre o racismo brasileiro: ele é resultado ou causa da nossa estratificação social? Quebrado o encanto, Nastácia não mudará apenas de cor, ela também se tornará princesa, ingressando assim numa casta superior: aquela metamorfose sócio-racial que, em 1810, diante do espantado Henry Koster, transformara um capitão-mor mulato em branco. De fato, desde Donald Pierson e Guerreiro Ramos até Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, as relações entre casta e classe foram o tema central dos pesquisadores do racismo brasileiro.

O racismo, como todos os regimes de casta (inclusive o infame sistema indiano, tão admirado pela contracultura), é uma forma de adquirir superioridade social a custo zero. Para obtermos alguma grandeza profissional, científica, econômica ou artística, precisaremos dar um duro danado por toda a vida. Já para ser branco, han (chinês da gema) ou

¹¹ “*Reinações de Narizinho*”. P. 332 da reedição de 1949. Ed. Brasiliense.

japonês – escolhendo três raças bem racistas – nos bastará nascer assim. Como perceberam os nazis, a Klu Klux Klan e os nacionalistas japoneses da era Meiji, o sentimento de pertencer a uma raça superior ou divina é bem eficaz para unir aqueles malévolos e inseguros pés-rapados que são a base social de todos os racismos. Um velho truque tão universal que os mulatos haitianos ainda o utilizam para oprimir os negros haitianos e os negros Tutsis o usavam para oprimir os negros Hutus (pelo que, aliás, pagaram caríssimo).

De qualquer forma, será sempre útil à formação das crianças brasileiras lembrar-lhes que os laivos racistas que despontam aqui e ali nos textos de fundadores da nossa literatura infantil se originavam tanto da língua falada em uma sociedade escravocrata em dissolução, quanto do racismo “científico” dos professores das Faculdades de Medicina e Direito. E estes não eram muito mais do que ideólogos das delegacias de costumes que perseguiram “a macumba da negrada”.

Essas delegacias e faculdades até mantinham pequenos e deprimentes museus de “antropologia criminal”, que visitei quando jovem. Um racismo de delegacia, triste e sórdido que, tenho certeza, Lobato *não ousaria* defender diante de tia Nastácia, dona Benta, Narizinho, Pedrinho e de Lima Barreto. Não ousaria porque esse racismo seria uma traição aos ideais com que dona Benta regia o Sítio do Picapau Amarelo, educava seus netos e a nós, seus pequenos e fidelíssimos leitores.

Lobato para as Crianças de Hoje

Nem todos os livros infantis de Lobato sobreviveram. Eu não recomendaria, por exemplo, *Geografia de dona Benta*, *Memórias da Emília* ou *A Chave do Tamanho* a uma criança de hoje. Seu mundo já é outro. Mas, se você quer divertir e educar seus pimpolhos, comece lendo para eles *Reinações de Narizinho* – a fábula fundadora do ciclo, ótima para os menorzinhos – e prossiga com os igualmente atemporais *Caçadas de Pedrinho*, *O Saci*, *Histórias de Tia Nastácia*, *O Sítio do Picapau Amarelo*, *O Minotauro*, *Os Doze Trabalhos de Hércules*, *O Laboratório do Visconde* (às vezes intitulado *O Espanto das Gentes*) e *A Reforma da Natureza*.

Eles também tirarão proveito do *Poço do Visconde* (que é anterior à Petrobras, mas ensina Geologia), da *Emília no País da Gramática* e da *Aritmética da Emília*, dois livros muito bons, que sobreviveram ao desastre pedagógico que atingiu essas matérias escolares nas últimas décadas do século XX. Procure comprá-los em sebos, com os extraordinários desenhos

originais de Belmonte. As ilustrações de Belmonte tornam a *Gramática* inesquecível, um feito da nossa literatura pedagógica.

Dê-lhes também quatro excelentes adaptações de Lobato: *As Aventuras de Hans Staden*, *As Aventuras de Robinson Crusóé*, *o Dom Quichote* e *Peter Pan* (melhor que o original).

Leia Lobato para eles antes de dormir e leia-o com eles nas horas de folga. Faça disto um ritual de encantamento, como Dona Benta fez com seus netos, e você os tornará leitores assíduos, uma vantagem para toda a vida. Lembre-se: as adaptações de Lobato para a TV nunca substituirão sua leitura. O que Lobato, poeta da infância e pedagogo, possui de importante só pode ser transmitido por sua inesquecível escrita.